

 HARLEQUIN®

Sabrina®



Sharon Kendrick
O PRESENTE DO MILIONÁRIO

Sabrina®

O PRESENTE DO
MILIONÁRIO

Sharon Kendrick



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2017 Sharon Kendrick
© 2020 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
O presente do milionário, n.º 1840 - novembro 2020
Título original: The Italian's Christmas Secret
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os
de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto
da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança
com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais),
feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades
de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais,
utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes
y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises
Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1348-987-2

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

- Senhor Valenti?

A voz suave da mulher interrompeu os pensamentos de Matteo, que não fez nenhum esforço para disfarçar a irritação ao recostar-se no banco de couro do seu carro luxuoso. Estivera a pensar no pai. A questionar-se se tinha intenção de cumprir a ameaça que lhe fizera antes de Matteo deixar Roma. E, no caso de ser assim, se conseguiria evitá-lo. Suspirou com força e obrigou-se a aceitar que os laços de sangue eram os mais profundos. Sem dúvida, não teria aceitado uma coisa dessas de alguém que não fosse parente dele, mas a família era muito difícil de abandonar. Sentiu um aperto no coração. A menos, é claro, que fosse a família a abandoná-lo.

- Senhor Valenti? - repetiu a mulher.

Matteo estalou a língua com irritação e não só porque odiava que as pessoas falassem com ele quando estava claro que não queria que o incomodassem. Tinha mais a ver com o facto de aquela maldita viagem não ter corrido como esperava. Não encontrara um só hotel que quisesse comprar, mas o pior era a mulher bela que estava ao volante. Irritava-o profundamente.

- *Cos' hai detto?* - inquiriu. Contudo, o silêncio que se seguiu recordou-lhe que a mulher não falava italiano e que ele estava muito longe de casa. No centro do campo inglês, para ser exato, e com uma mulher motorista.

Franziu o sobrolho. Ter uma motorista era uma novidade para ele. Da primeira vez que vira a sua compleição esbelta e os olhos azuis espantados, Matteo sentira a tentação de pedir que a substituíssem por um homem mais robusto. Porém, pensara que a última coisa de que precisava era que o acusassem de discriminação sexual. Respirou fundo e olhou para os olhos da motorista através do espelho retrovisor.

- O que disse? - perguntou, na sua língua.

A mulher pigarreou e levantou ligeiramente os ombros. O chapéu ridículo que insistia em usar por cima do cabelo curto manteve-se firmemente no seu lugar.

- Digo que parece que o tempo piorou.

Matteo virou a cabeça para olhar pela janela, onde o anoitecer estava toldado por uma espiral de flocos de neve. Estava tão perdido nos seus pensamentos que mal prestara atenção à paisagem, mas, agora, conseguia ver que estava apagada por uma neblina descolorida.

- Mas poderemos continuar, não é? - perguntou, torcendo o nariz.

- Espero que sim.

- Espera? - repetiu Matteo, num tom mais duro. - Que tipo de resposta é essa? Sabe que tenho um avião completamente equipado e pronto para descolar?

- Sim, senhor Valenti. Mas é um jato privado e esperará.

- Sei muito bem que se trata de um jato privado porque é meu - queixou-se, com impaciência. - Mas tenho de estar numa festa em Roma esta noite e não quero atrasar-me.

Keira fez um esforço supremo para conter um suspiro e manteve o olhar fixo na estrada nevada. Tinha de agir com calma porque Matteo Valenti era o cliente mais importante que alguma vez tivera, um facto que o chefe repetira várias vezes. Acontecesse o que acontecesse, não devia mostrar o nervosismo que a acompanhara nos últimos dias... porque ter um cliente daquele calibre era uma experiência completamente nova para ela. Como era a única mulher e

um dos motoristas mais jovens, normalmente, tinha diferentes tipos de trabalhos: Ir buscar pacotes urgentes ou meninos mimados à escola para os deixar com as suas amas em alguma das mansões exclusivas que rodeavam Londres. No entanto, até os clientes londrinos mais ricos empalideciam ao lado da fortuna de Matteo Valenti.

O chefe enfatizara o facto de ser a primeira vez que o multimilionário italiano usava os serviços da sua empresa e de ser o seu dever certificar-se de que repetia. Keira achava ótimo que um magnata tão influente tivesse decidido usar os seus serviços, mas não era tola. Estava claro que só se devia a ter decidido fazer a viagem no último momento, do mesmo modo que lhe tinham dado o trabalho porque nenhum dos outros motoristas estava disponível com as férias de Natal tão perto. Segundo o chefe, Matteo era um empresário hoteleiro importante que procurava uma zona de desenvolvimento em Inglaterra para expandir o seu império crescente. Até ao momento, visitara Kent, Sussex e Dorset e tinham deixado o destino mais remoto para o fim, Devon. Ela não o teria organizado assim e muito menos com o trânsito tão intenso. Contudo, não a tinham contratado para fazer o plano, só para o levar de um ponto para o outro, são e salvo.

Keira ficou a olhar para o redemoinho selvagem de flocos de neve. Era estranho. Trabalhava com homens e para homens e conhecia a maior parte dos seus pontos fracos. Aprendera que, para ser aceite, era melhor agir como um deles e não se destacar. Aquela era a razão por que usava o cabelo curto, embora não fosse o motivo por que o cortara pela primeira vez. Era por isso que também não costumava maquilhar-se ou usar roupa que convidasse a um segundo olhar. O aspeto masculino era bom, porque, se os homens se esquecessem de que estava lá, costumavam relaxar... Infelizmente, aquela regra não podia aplicar-se a Matteo Valenti. Nunca conhecera alguém menos relaxado.

Mas aquela não era a história completa. Keira agarrou o volante com força, renitente a admitir a verdadeira razão por que se sentia tão inibida na sua presença. A verdade era que a deslumbrara assim que o conhecera com aquele carisma tão potente. Era perturbador, emocionante e aterrador, tudo ao mesmo tempo e nunca antes olhara para alguém nos olhos e ouvira um milhão de violinos na cabeça. Olhou para os olhos mais escuros que alguma vez vira e sentiu que poderia afogar-se neles. Deu por si a observar o seu cabelo preto e denso e a questionar-se como seria acariciá-lo com os dedos. Uma vez descartado aquilo, teria bastado ter uma relação profissional amistosa, mas aquilo não ia acontecer. Não com um homem tão brusco, de mente fechada e crítico.

Vira a sua expressão quando lhe tinham atribuído o trabalho, deslizando o olhar preto por Keira com uma incredulidade que não se incomodara em disfarçar. Até tivera a coragem de lhe perguntar se se sentia confortável ao volante de um carro tão potente. Respondera que sim com frieza, tal como se sentiria confortável se tivesse de se pôr por baixo do capô e tirar o motor, peça a peça, chegado o caso. E, agora, Matteo tratava-a sem disfarçar a irritação, como se ela tivesse poderes mágicos para controlar as condições meteorológicas.

Lançou um olhar nervoso para o céu e sentiu outra pontada de ansiedade quando encontrou o olhar dele no espelho retrovisor.

- Onde estamos? - perguntou ele.

Keira olhou para o navegador por satélite.

- Acho que em Dartmoor.

- Acha? - repetiu ele, com sarcasmo.

Keira humedeceu os lábios e alegrou-se por Matteo estar mais preocupado com olhar pela janela do que em fixar o olhar nela. Alegrou-se por não conseguir perceber a aceleração repentina do seu coração.

- O navegador perdeu o sinal algumas vezes.

- E não pensou em dizer-me isso?

Keira conteve a resposta instintiva que lhe surgiu: Que ele não era precisamente um perito na zona rural do sudoeste, porque lhe dissera que estivera poucas vezes em Inglaterra.

- Estava ocupado com uma chamada nesse momento e não quis interromper - disse. - E o senhor disse...

- O que disse?

Ela encolheu ligeiramente os ombros.

- Mencionou que queria voltar pela rota panorâmica.

Matteo franziu o sobrolho. Dissera isso? Era verdade que se distraíra a pensar em como ia enfrentar o pai, mas não recordava ter acedido a uma visita guiada por uma zona que já decidira que não era para ele ou para os seus hotéis. Não se teria limitado simplesmente a aceder à sua proposta hesitante de uma rota alternativa quando lhe dissera que, nas autoestradas, haveria muita circulação com as pessoas que iam para casa passar o Natal? Em qualquer caso, devia ter tido a sensatez e o conhecimento para antecipar que uma coisa dessas poderia acontecer.

- E esta tempestade de neve parece ter surgido do nada - concluiu a jovem.

Matteo fez um esforço para controlar o mau humor e pensou que não conseguiria nada se a tratasse mal. Sabia como as mulheres conseguiam ser erráticas e emocionais, tanto nos seus locais de trabalho como fora, e sempre odiara as demonstrações exageradas de emoções. Certamente, começaria a chorar se a repreendesse e, depois, teria lugar alguma cena pouco digna enquanto ela assoava o nariz com um lenço de papel amarrotado, antes de olhar para ele com os olhos tristes. E as cenas eram algo que Matteo tentava evitar a todo o custo. Queria ter uma vida livre de nervos e de traumas. Uma vida à sua maneira.

Pensou brevemente em Donatella à espera dele naquela festa a que não conseguiria chegar. A desilusão dos seus olhos verdes quando se apercebesse de que várias semanas

à espera não iam acabar no quarto de um hotel de Roma como tinham planeado. Fez uma careta. Fizera-a esperar para ter relações sexuais com ele e, certamente, sentir-se-ia frustrada. Bom, teria de esperar um pouco mais.

- Porque não nos leva da forma mais segura possível? - sugeriu Matteo, fechando a pasta. - Se perder a festa, não será o fim do mundo... desde que chegue inteiro a casa para o Natal. Acha que será capaz de o fazer?

Keira assentiu, mas, por dentro, o coração batia mais depressa do que o desejável, tendo em conta que estava sentada. Porque percebia que estavam metidos numa confusão. Uma boa confusão. Os limpa-para-brisas mexiam-se depressa, mas, assim que tiravam uma camada grossa de flocos brancos, apareciam mais no seu lugar. Nunca sofrera uma visibilidade tão má e interrogou-se porque não se arriscara ao engarrafamento de trânsito e não fora pela rota mais direta. Porque não quisera arriscar-se a sofrer a desaprovação que parecia estar sempre presente no seu cliente multimilionário. Não conseguia imaginar alguém como Matteo Valenti parado no trânsito com crianças a fazer-lhe caretas do carro da frente com os seus gorros do Pai Natal. Sinceramente, surpreendera-a que não viajasse de helicóptero até lhe dizer que podiam aprender-se muitas mais coisas sobre a natureza de carro.

Contara-lhe muitas coisas. Que não gostava do café das bombas de gasolina e que preferia não comer do que consumir algo «abaixo do padrão». Que preferia o silêncio ao fluir interminável das canções de Natal do rádio do carro, embora não protestasse quando ela mudara para uma emissora de música clássica. Ao olhar pelo retrovisor, viu que Matteo tinha os olhos fechados e os lábios entreabertos. O coração acelerou de forma errática.

Keira diminuiu a velocidade quando passaram à frente de uma casinha com uma figura do Pai Natal num trenó por cima de um cartaz que anunciava: A Melhor Estalagem de Dartmoor. O problema era que não estava habituada a

homens como Matteo Valenti, certamente, muitas pessoas não estariam. Vira a reação das pessoas quando saía da limusina para ver outro hotel sujo que estava à venda. Vira como os olhares das mulheres eram atraídos de forma instintiva para o seu físico poderoso. Vira como esbugalhavam os olhos, como se lhes fosse difícil de acreditar que um homem podia ser tão perfeito com aquelas feições aristocráticas, o queixo firme e os lábios sensuais. Porém, Keira estivera muito perto dele durante vários dias e percebeu que, embora parecesse perfeito na superfície, por baixo dele subjazia uma atitude taciturna que anunciava o perigo. E muitas mulheres adoravam o perigo. Segurou o volante com mais força e questionou-se se aquele seria o segredo do seu carisma inegável.

No entanto, aquele não era o momento para se preocupar com Matteo Valenti ou para pensar nas férias que se aproximavam e que tanto a assustavam. Era o momento de reconhecer que a tempestade de neve estava a piorar e que estava a perder o controlo do carro. Sentia como os pneus se prendiam nos montes acumulados quando a estrada se inclinou ligeiramente. Sentiu como a testa suave quando o veículo pesado começou a perder força e percebeu que, se não tivesse cuidado...

O carro parou e Keira ficou com os nós dos dedos brancos quando percebeu que não havia luzes ao longe à frente deles. Nem atrás. Olhou para o espelho quando desligou o motor e obrigou-se a encontrar o olhar preto e furioso fixo nela do banco de trás.

- O que se passa? - inquiriu ele. O seu tom causou-lhe um calafrio nas costas.

- Parámos - informou Keira, voltando a virar a chave e rezando para que se mexessem.

Mas o carro ficou onde estavam.

- Estou a ver - queixou-se ele. - A pergunta é: Porque parámos?

Keira engoliu em seco. Matteo teria de saber a razão. Queria que lha dissesse em voz alta para poder culpá-la mais?

- O carro é muito pesado e a neve é mais densa do que pensei. Estamos numa colina e...

- E?

«Enfrenta os factos», pensou, com firmeza. «Sabes como fazê-lo. É uma situação difícil, mas não é o fim do mundo.» Virou a chave e tentou avançar, mas, apesar das suas preces silenciosas, o carro recusou-se a mexer-se. Keira deslizou as mãos pelo volante e virou-se.

- Estamos atolados - admitiu.

Matteo assentiu e conteve-se para não deixar escapar a exclamação furiosa que tinha na ponta da língua porque se gabava de ser bom nas emergências. Deus sabia que passara por suficientes ao longo dos anos para se transformar num perito no manejo das crises. Aquele não era o momento de se questionar porque não seguira o seu instinto e exigira um condutor masculino que soubesse o que fazia em vez de uma jovencinha sem forças para lidar com uma bicicleta, portanto, muito menos um carro daquela envergadura. As recriminações chegariam mais tarde, e chegariam, pensou. Mas, antes e mais importante, tinham de sair dali. E, para isso, precisava de manter a calma.

- Onde estamos? - perguntou, num tom pausado, como se estivesse a falar com uma criança.

A mulher virou a cabeça para olhar para o navegador durante uns segundos, antes de se virar outra vez para ele.

- O sinal voltou a perder-se. Estamos nos limites de Dartmoor.

- Perto da civilização?

- Esse é o problema. Não. Estamos a quilómetros da civilização. - Matteo viu como mordida o lábio inferior com tanta força que parecia que ia fazer sangue. - E não há ligação Wi-fi - concluiu.

Matteo sentiu vontade de dar um murro na janela coberta de neve, mas conteve-se e respirou fundo. Tinha de se controlar.

- Mexe-te - disse, com aspereza, tirando o cinto de segurança.

Ela pestanejou e olhou para ele com aqueles olhos tão grandes.

- Para onde?

- Para o banco do passageiro - indicou ele, abrindo a porta do carro para enfrentar o redemoinho de flocos de neve. - Eu trato disto.

Quando voltou a entrar no carro, estava coberto de gelo e, ao fechar a porta com força, pensou na sensação estranha de o banco estar deliciosamente quente depois de ela ter estado lá sentada.

Furioso por deixar que algo tão básico e inapropriado o distraísse num momento assim, Matteo esticou a mão para a chave do carro.

- Sabe que não tem de carregar com força no acelerador, não é? - perguntou, nervosa. - Se não, os pneus vão começar a dar voltas.

- Não acho que precise de aulas de condução de alguém tão incompetente como tu - queixou-se Matteo.

Ligou o motor e tentou mexer-se para a frente. Nada. Tentou até se ver obrigado a render-se ao inevitável, algo que, no fundo, sabia desde o começo. Estavam presos e o carro não se mexia. Virou-se para a mulher que estava ao seu lado e que o observava nervosamente.

- Muito bem. Bravo - troçou, com uma raiva que já não era capaz de conter. - Conseguiste fazer com que ficássemos parados num dos lugares mais inóspitos do país numa das piores noites do ano, mesmo antes do Natal. É um sucesso!

- Lamento muito.

- Lamentar não vai ajudar.

- Certamente, vão despedir-me - murmurou Keira.